

Sons, aromas e lembranças: poesias em uma experiência multissensorial

Sounds, aromas and memories: poetry in a multisensorial experience

Jéssica Kottwitz 

Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC – Rio Grande do Sul - Brasil

Rosiana Kist 

Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC – Rio Grande do Sul - Brasil

Resumo: O presente estudo parte de uma dinâmica realizada com alunos de Mestrado que consistiu em uma vocalização de poemas selecionados. Eliminando o suporte visual por meio de uma venda, os participantes puderam aguçar os demais sentidos - olfato, tato, paladar e audição, esse último engrandecido pela escuta de poemas - a partir de gatilhos como aroma de chá e de café; sabor de bala, de fruta; textura de crochê, de pedra ou de brinquedo. A partir dessa experiência multissensorial, propomos, neste trabalho, uma teorização de conceitos essenciais, como as noções de repercussão/ressonância e fenomenotécnica em Gaston Bachelard (1989), assim como da relação entre poesia, voz poética e performance, em Paul Zumthor (2007). Os poemas suscitaram nos participantes diversas imagens e sensações que, repercutidas por meio da escuta, ressoaram na retomada de instantes singulares revelados nos depoimentos.

Palavras-chave: Imaginação poética. Performance. Poética. Repercussão e ressonância.

Abstract: The present study is based on a dynamic carried out with Master's students that consisted of a vocalization of selected poems. By eliminating visual support through a sale, the participants were able to sharpen the other senses - smell, touch, taste and hearing, the latter aggrandized by listening to poems - from triggers such as the aroma of tea and coffee; candy, fruit flavor; crochet, stone or toy texture. Based on this multisensory experience, we propose, in this work, a theorization of essential concepts, such as the notions of repercussion/resonance and phenomenology in Gaston Bachelard (1989), as well as the relationship between poetry, poetic voice and performance, in Paul Zumthor (2007). The poems evoked in the participants several images and sensations that, echoed through listening, resonated in the resumption of singular moments revealed in the statements.

Keywords: Poetic imagination. Performance. Poetics. Repercussion and resonance.

*O velho Pubi
Meu avô ia na venda
à tardinha
e na volta me trazia
um punhado de balinhas coloridas,
que eu comia com prazer
na concha de suas mãos.*

*As balas tinham gosto de fumo,
de cachaça
e de fundo de bolso
de calças.*

*Em troca eu tinha que lhe tirar os sapatos,
contar do meu dia
e manter sempre quente*

a água do chimarrão.

*Até que teve uma tarde que ele foi na venda
e não mais voltou.*

*Nunca mais balinhas coloridas.
Nunca mais tirar os sapatos.
Nunca mais contar do meu dia.*

A água do chimarrão esfriou.

Mauro Ulrich (2011)

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo relatar uma experiência multissensorial envolvendo a percepção dos sentidos do tato, do olfato, do paladar e da audição, mobilizados pela escuta de poemas. Os participantes da dinâmica puderam experimentar diferentes sensações e recordar momentos significativos de suas vidas enquanto foram expostos aos diferentes elementos que integraram a oficina, a qual denominamos multissensorial, pelo fato de envolver diferentes materialidades. Partilhamos da proposta de eliminar a visualidade com a intenção de aguçar os demais sentidos.

Partindo do ponto de vista da atividade e dos relatos dos participantes quanto à experiência, foram realizados estudos e reflexões sobre repercussão e ressonância, imagem e imaginação poética segundo as concepções de Gaston Bachelard (1989) e que contribuíram para o redimensionamento de conceitos de Paul Zumthor (2007), tais como voz poética, oralidade, vocalidade e performance, ressignificando toda a atividade.

Em torno das poéticas da oralidade e de seu universo de manifestações em linguagem que se utilizam da voz para sua transmissão, compartilhamos da ideia de uma potência que envolve o outro e aquele que diz, podendo transportar-nos pelas origens de nossa existência e trazer à superfície a infância que guardamos em nós. Esse envolvimento que demonstra a inseparabilidade entre o corpo e a voz está explicitado quando há o reconhecimento de um eu que é evocado pela voz de outrem no instante em que a palavra poética é entoada. Esse encontro pode suscitar inúmeras possibilidades de manifestação, que comprovam a intensidade da voz nos discursos da sensibilidade, tanto para quem escuta como para quem diz.

2 A IMAGINAÇÃO PELA MULTISSENSORIALIDADE

Gaston Bachelard, filósofo francês que dedicou seus estudos à imaginação e ao devaneio poético, encontra no par repercussão/ressonância o entendimento para a ideia de um leitor envolvido pelo

ato criador do poeta. Conforme o filósofo, “a exuberância e a profundidade de um poema são sempre fenômenos do par ressonância/repercussão. É como se, com sua exuberância, o poema reanimasse profundezas em nosso ser” (BACHELARD, 1989, p. 7).

A repercussão pode ser entendida como o instante em que o leitor é tocado pelo poema e as ressonâncias são as possíveis reações que podem surgir depois de ocorrida a repercussão. Entendemos como ressonâncias os sentidos que o texto poético revela, podendo ser caracterizadas pelo choro, pelo riso, pelo arrepio ou por qualquer emoção que emergir daquele momento. O leitor tomado por esse estado pode ser motivado a falar sobre o seu sentimento ou mesmo escrevê-lo. Como coloca Bachelard, “trata-se, com efeito, de determinar, pela repercussão de uma única imagem poética, um verdadeiro despertar da criação poética na alma do leitor” (1989, p. 7). A importância dessa ação imaginária é a possibilidade da lembrança, do devir e da transformação do ser. A imagem que surge no devaneio não é aquela que conhecemos em um significado usual, de figura estática ou movente, ligada à realidade:

o devaneio é um estado inteiramente constituído desde o instante inicial. Não o vemos começar; e no entanto ele começa sempre da mesma maneira. Ele foge do objeto próximo e imediatamente está longe, além, no espaço do *além* (BACHELARD, 1989, p. 189-190, grifo do autor)

A imagem que Gaston Bachelard pretendeu demonstrar é a imagem poética, percebida por ele como um valor, um produto da ação imaginante. Portanto, ela não possui um início nem um fim demarcados, mas um movimento que está vinculado às possibilidades de agir em linguagem que a poesia proporciona pelo jogo das palavras.

A relação entre imaginação e matéria é constituinte. Ambas se fundem na percepção da sensação que é denominada por Bachelard como imaginação material, propícia à formação de devaneios, porque, para o filósofo, essas imagens materiais transcendem as impressões e “nos envolvem em uma afetividade mais profunda, por isso se enraízam nas camadas mais profundas do

inconsciente” (BACHELARD, 1991, p. 3). Trabalhar e meditar a matéria é oportunizar a criação de outros sentidos para aquilo que já é, proporcionando a sua valorização:

No sentido do aprofundamento, ela aparece como insondável, como um mistério. No sentido do impulso, surge como uma força inexaurível, como um milagre. Em ambos os casos, a meditação de uma matéria educa uma *imaginação aberta*. (BACHELARD, 1997, p. 3, grifo do autor)

A imaginação, quando material, acontece quando não nos contentamos em observar, mas temos o impulso de agir sobre determinado elemento. A imaginação, quando material, acontece quando não nos contentamos em observar, mas temos o impulso de agir sobre determinado elemento. A imaginação material se distingue, por isso, da imaginação formal.. A ação na matéria supõe que haverá uma intenção que será intermediada pelo ato de estar imaginando: “são os devaneios que nos dão todos os tesouros da intimidade das coisas” (BACHELARD, 1991, p. 11). Acessar a intimidade dos elementos é poder acessar também nossos mais íntimos devaneios, que se constituem a partir e pela palavra, já que esta é matéria, artifício que é notável singularmente na poesia.

A ação do corpo sobre as materialidades do mundo permite que o pensamento seja tomado pela imagem. Essa ação acontece em instantes fecundos e constituem momentos que podem ser marcantes, porque inauguradores de novas imagens. O filósofo francês defende o tempo da poesia como movimento de verticalidade, opondo-o à ideia de duração que a sociedade institui em relógios e calendários. Para Bachelard, a nossa história de vida é feita de instantes e é a junção desses momentos significativos que tornam os seres dotados de memórias. Para ele, “os instantes são distintos porque são fecundos. E não são fecundos em virtude das lembranças que podem atualizar, mas pelo fato de a eles se acrescentar uma novidade temporal convenientemente adaptada ao ritmo de um progresso” (2007, p. 84). A poesia é, então, além de fundante, a ação que leva a reviver instantes passados, ressignificando momentos que, em outras

oportunidades, podem ter sido sentidos e entendidos de maneira diferente por cada um de nós.

Octavio Paz percebe a poesia como um ritmo que inaugura um modo de ser, no qual “o leitor recria o instante e recria a si mesmo” (1982, p. 234). Essa capacidade de reinventar-se vem da ação poética, que valoriza mais a “*ação que faz do que a coisa feita*” (VALÉRY, 2011, p. 181, grifo do autor). Essa potência do agir colabora com a experiência que caracteriza o momento poético, possibilitando ao leitor se tornar outro quando tocado pela repercussão do poema.

Podemos, então, comparar o ato criador do poeta com o ato de ler, pois “a leitura do poema mostra grande semelhança com a criação poética. O poeta cria imagens, poemas; o poema faz do leitor imagem, poesia” (PAZ, 1982, p. 30). Esse reconhecimento do leitor com o poema gera ressonâncias e possibilita a ampliação de nossas reservas de entusiasmo.

3 A VOZ COMO POTÊNCIA DE SIGNIFICAÇÕES

A adoção da sensibilidade e da percepção poética como parte da análise do medievalista Paul Zumthor (1915-1995), escritor e estudioso dos fenômenos da voz no âmbito da história, da antropologia, da cultura e dos estudos literários, nos fizeram escolhê-lo para tratar da relação entre poesia e voz poética. Considerando que o texto é muito mais que seu suporte verbal, Zumthor enaltece, em sua visão global, não apenas a língua, mas a voz, o suporte vocal da comunicação, colocando em voga as diversas manifestações de linguagem, já que é ela que se liga à voz e não o inverso. Sua obra *Performance, recepção, leitura* irradia os principais conceitos desenvolvidos pelo autor ao longo de sua trajetória de estudos.

A importância da vocalização do texto poético é fundamentada por Zumthor quando esse associa o termo vocalidade com a ideia de performance. De acordo com ele, a performance “modifica o conhecimento. Ela não é simplesmente um meio de comunicação: comunicando, ela o marca”

(ZUMTHOR, 2007, p. 32). Dessa forma, a voz que pronuncia o poema vem engajada em uma ação que perpassa o corpo todo, não há separabilidade entre essa emoção de dizer e as nossas reações anteriores e posteriores. Nas palavras do autor, “a performance é o único modo vivo de comunicação poética” (2007, p. 34). Primeiro sentido que nos é despertado ainda no útero da mãe, a audição é privilegiada em relação à visão, o que nos remete também às críticas de Bachelard a respeito do vício da ocularidade, principalmente no que diz respeito ao fato de que nem sempre percebemos aquilo que vemos:

O ouvido, com efeito, capta diretamente o espaço ao redor, o que vem de trás quanto o que está na frente. A visão também capta, certamente, um espaço; mas um espaço orientado e cuja orientação exige movimentos particulares do corpo. É por isso que o corpo, pela audição, está presente em si mesmo, uma presença não somente espacial, mas íntima. Ouvindo-me, eu me autocomunico. Minha voz ouvida revela-me a mim mesmo, não menos - embora de uma maneira diferente - que ao outro. (ZUMTHOR, 2007, p. 87)

Sendo assim, a leitura do texto poético enquanto a escuta de uma voz nos coloca a presença de dois ouvidos: o do enunciador e o do ouvinte. Quando ultrapassamos o ponto de vista de uma relação com o texto estabelecida somente pelo visual percebemos o movimento de que trata Zumthor, que será modificado se o compreendermos como voz e atualização, ultrapassando, dessa forma, o sentido linguístico para assimilar a ação materializadora do discurso poético.

Durante nossa performance, mobilizada pela vocalização e pela distribuição aos participantes de elementos diversos, pudemos experimentar a ressonância que nossas vozes evocavam em diferentes situações comprovando a atualidade da palavra no instante em que ela se tornava escuta.

Outro ponto chave para apreender as concepções de Zumthor sobre performance está relacionado ao corpo e sua centralidade na relação com o texto, ultrapassando as noções de recepção do literário, porque é nele que acontece a experiência com o poético, é ele que reage e vibra, é ele "o peso sentido na experiência que faço dos textos. Meu

corpo é a materialização daquilo que me é próprio, realidade vivida e que determina minha relação com o mundo" (ZUMTHOR, 2007, p.23), ou seja, é no corpo que pode haver a vontade de expressar-se.

Sendo assim, a vocalização dos poemas pode ser um meio de acesso ao poético, porque a apropriação dos textos e seu posterior compartilhamento pode gerar uma emoção semelhante àquela que é sentida quando lemos silenciosamente um texto. Porém, a experiência da escuta pode ser entendida como uma outra maneira de fruição, já que envolve a disponibilidade de querer escutar o que se diz, não somente ouvir.

Ainda de acordo com Zumthor, “a leitura do texto poético é escuta de uma voz. O leitor, nessa e por essa escuta, refaz em corpo e em espírito o percurso traçado pela voz do poeta” (2007, p. 87). O impacto da voz que profere os poemas, bem como a entonação, o ritmo e a performance utilizados demarcam a recepção do texto poético e suas possíveis repercussões em quem os escuta. Por isso, Zumthor afirma que “a performance é o único modo vivo de comunicação poética” (2007, p. 34). E o que é então a poesia, nesse contexto? Afirma Paz (1982, p. 15) que a poesia é a

arte de falar em forma superior; linguagem primitiva. Obediência às regras; criação de outras. Imitação dos antigos, cópia do real, cópia de uma cópia da Ideia. Loucura, êxtase, logos. Regresso à infância, coito, nostalgia do paraíso, do inferno, do limbo. Jogo, trabalho, atividade ascética. Confissão. Experiência inata. Visão, música, símbolo. Analogia: o poema é um caracol onde ressoa a música do mundo, e métricas e rimas são apenas correspondências, ecos, da harmonia universal.

E se o encontro da poesia, essa manifestação de linguagem que permite diferentes formas de expressão e que nos coloca no mundo, está no poético, também sabemos que “o poema não é uma forma literária, mas o lugar do encontro entre a poesia e o homem” (PAZ, 1982, p. 17). Entendemos, dessa forma, que o poético está no homem, quando, em algum instante singular, ele emocionar-se com a poesia. A experiência que trazemos neste trabalho é, por isso, educativa, na medida em que buscamos o encontro entre o homem e a sua sensibilidade.

4 A VIVÊNCIA DO POÉTICO ATRAVÉS DOS SENTIDOS

A fim de experienciar repercussões/ressonâncias durante a leitura de poemas, sugerimos, em uma oficina com colegas, a oportunidade de uma apreciação de poesias vinculadas ao encontro com materialidades, cheiros, sabores e sonoridades. Nossa pretensão foi pôr em prática a potência da ação poética e demonstrar as ressonâncias suscitadas com a proposta.

Utilizamos-nos do termo fenomenotécnica para justificar nossa escolha. Como afirma Elyana Barbosa, a imaginação, para Bachelard, também pode ser dirigida, “um fenômeno criado por uma técnica” (1996, p. 72), possibilitando a ordenação desse fenômeno. Optamos por escolher, então, textos poéticos relacionados a alguns objetos, a fim de estabelecer uma possível imagem poética ou mesmo suscitar alguma memória já esquecida.

Escolhemos, para o momento, temáticas que envolviam as estações, as relações familiares, cheiros e lembranças da infância, já que, para Bachelard, “toda a nossa infância está por ser reimaginada. Ao reimaginá-la, temos a possibilidade de reencontrá-la na própria vida dos nossos devaneios de criança solitária” (1988, p. 94).

A nossa pretensão em proporcionar um retorno à infância esteve justamente ligada à possibilidade de um encontro com o eu que já fomos, mas que ainda nos constitui, buscando uma ressignificação para esse momento. Também pretendemos tratar sobre a memória das estações, entendida por Bachelard como uma marca das nossas lembranças, pois “a lembrança pura não tem data. Tem uma estação” (1988, p. 111, grifo do autor). Através de poemas que remetiam a flores e frutos, procuramos provocar um convite à vivência de primaveras e outonos.

Fig. 1: Mesa preparada com poemas e os elementos relacionados a eles



A inspiração para esse fazer surgiu da apreciação de coletâneas de poesias e canções do projeto *Encontros com a Poesia*, organizado pelo Grupo de Pesquisa *Estudos Poéticos*. As poesias preferidas para essa dinâmica foram colhidas das seleções temáticas organizadas para esses encontros. Em uma mesa, em torno da qual os participantes seriam acomodados em cadeiras confortáveis, organizamos diferentes propostas de sensações em sequências previamente intencionais. Dentre as referências estavam frutas, balas, chocolates, chás, café, tampinhas, gibis, tecidos, pedras, folhas, temperos, entre outras.

Fig. 2: Ambiente em que foi realizada a atividade multissensorial



No dia da realização da dinâmica, os participantes foram vendidos e guiados até o ambiente preparado para a atividade. Depois de acomodá-los, iniciamos a vocalização dos poemas de forma intercalada, respeitando a coerência temática que propusemos para a apreciação do grupo. Durante todo o tempo em que ocorreu a escuta da voz que

dizia o texto, havia a correspondência de um som, de um cheiro, de um sabor ou de um objeto a ser tocado ou sentido pelos participantes, como por exemplo, o poema “O velho Pubi”, junto com balas de diferentes sabores, ou o poema “Das pedras”, de Cora Coralina, junto com pedras e flores. Enquanto a dinâmica acontecia, houve vários momentos de intensa comoção e lembranças de momentos vividos. Podemos pensar a experiência proposta como uma maneira de aliar a imaginação formal e a imaginação material, já que ambas estavam expostas aos sentidos, enquanto a visibilidade foi extinta.

Quando indagados sobre as ressonâncias que emergiram da experiência, os relatos escritos demonstraram o quanto os participantes, que tiveram seus nomes ocultados para manter o sigilo, se impressionaram com cada detalhe pensado. Neste relato, a participante revela que a dinâmica colaborou para o seu autoconhecimento:

a seleção de poemas foi um momento realmente único, memorável e sensível. Acho importante enfatizar o cuidado com a escolha de poemas, pois trouxeram à tona lembranças da minha infância, por exemplo. A vivência poética proposta pela audição, olfato, gosto e tato (através das frutas, alimentos e objetos) potencializou sentimentos como a alegria, nostalgia e saudade de eventos específicos da minha vida. Foi uma experiência de intensa conexão comigo mesma - o que, acredito, ser sempre pertinente e importante para nossa evolução pessoal e autoconhecimento.

Já um segundo participante salienta a relevância dos objetos que fizeram parte da experiência e que suscitaram muitas lembranças do passado:

Lembrei-me imediatamente da minha infância quando tive contato com os objetos oferecidos. Mais precisamente, lembrei de um período em que passava férias com meus avós, em uma estância distante da cidade. Cada objeto remetia a uma forma de brincadeira, principalmente com os amigos daquele período. Partia sempre de uma sensação causada pela comida/bebida, mas acabava nas brincadeiras antigas e nas relações com pessoas hoje distantes. Os objetos eram gatilhos para que a memória vasculhasse antigas lembranças, como os jogos no "campinho" (terreno baldio) perto de casa, as corridas de cavalo, as pescarias e as fogueiras nas noites escuras.

Os relatos confirmam a afirmação de Zumthor de que "o prazer poético é orgânico" (ZUMTHOR, 2007, p. 43) e a poesia desperta esse prazer que é muito mais físico do que intelectual. Da mesma forma, os participantes, quando adentraram, vendados e guiados por nós para o ambiente da atividade, sabiam da teatralidade da ação e deixaram-se levar, envoltos pela simplicidade e pelo lúdico do jogo, identificados com o espaço da performance e a experiência de conexão. A intensidade da presença fica evidente no relato de outro participante:

no início, lembro que houve um embate entre razão e emoção. Ao mesmo tempo em que ansiava voltar para um passado tão pleno e rico em experiências, resgatando, sobretudo, recortes da minha infância, fiquei preso ao meu racionalismo barato por longos minutos, pois ele insistiu em disparar aquele alerta: Cuidado! Não vá longe demais! É perigoso e vai te desestabilizar!

Pobre razão diante daquele combo preparado na atividade. Depois de um tempo, aqueles poemas foram criando fissuras e mais fissuras. Eu me identificava com boa parte daquelas histórias. E tudo foi se intensificando ainda mais com os sons, com os aromas e com os sabores. Resgatei memórias lá do Oiapoque da minha mente. Eu nem cogitava que estivessem tão bem guardadas! Terminei a atividade completamente desestabilizado, como previa, porém dez vezes mais sensível. Sinto uma dificuldade tremenda em descrever e sintetizar a experiência. No meu caso, foi como um “intensivo de reumanização”.

Como pudemos observar, vincular o texto a lembranças e a sentimentos que são exclusivamente nossos, enriquece a relação que temos com os sentidos poéticos, pois, para que um texto se torne poético, ele depende do sentimento do nosso corpo: “Quando não há prazer - ou ele cessa - o texto muda de natureza” (ZUMTHOR, 2007, p.35).

Para dar maior visibilidade às ressonâncias ocasionadas pelos poemas, perceberemos a seguir o modo como a palavra poética deixa transparecer o sentimento de saudade. Neste caso, temos o relato sobre uma canção que teve a letra adaptada por Néelson Gonçalves. Na oportunidade, nós não a cantamos. Ela reconhece a letra como refúgio para muitas emoções:

Destaco "Naquela mesa" no qual a Jéssica (que dizia o poema) também se emocionou... É um poema que foi musicado por Nelson Gonçalves. Adoro essa canção e ela me traz uma imagem poética belíssima relacionada a saudade e gratidão. Saudade porque a letra do poema fala dessa mesa que só, recorda a ausência de alguém. Gratidão porque lembra-me que ainda tenho comigo meu avô e pai. Meu pai é músico e através dele conheci a canção. É difícil explicar racionalmente porque algumas músicas nos provocam emoções de forma tão íntima, mas esse poema, especialmente, é caro para mim: nele revivo as visitas à casa de meu avô que, sentado ao lado da mesa, (embaixo da janela) ainda divide (embora com sua pequena lucidez) suas histórias comigo. Nessa música revivo também o encantamento que sempre criei em relação ao meu pai: "E nos seus olhos era tanto brilho/Que mais que seu filho/Eu fiquei seu fã".

As recordações de infância são frequentemente lembradas quando falamos em ressonâncias. Muitas vezes essas imagens são tão marcantes que nos acompanham pela nossa vida e podem nos conduzir para um processo de modificação: "Ao recebermos uma imagem poética nova, sentimos seu valor de intersubjetividade. Sabemos que a repetiremos para comunicar o nosso entusiasmo." (BACHELARD, 1989, p. 8). O valor da repetição também é poético, porque permite reconduzir, refazer e, por fim, transformar em outra experiência aquilo que nos emocionou.

As próximas descrições trazem como referência um poema marcante, escrito por Mauro Ulrich, poeta santa-cruzense, e que se encontra na epígrafe desse trabalho. No trecho a seguir, o participante traz a recordação da vida do interior e a sua própria relação com a família:

Muitos poemas foram determinantes nessa experiência imersiva. Contudo, me marcou profundamente um poema do Mauro Ulrich chamado "O velho Pubi". Me senti alegre e triste ao mesmo tempo. A nostalgia veio travestida de melancolia. Lembrei-me de ambientes da minha infância como os antigos armazéns e todo aquele estilo de vida do interior, hoje praticamente extinto. Resgatei memórias do meu avô materno, com quem convivi apenas nos primeiros anos da minha vida, mas de uma forma intensa, pois ele era muito presente e eu adorava a sua companhia. Assim como no enredo do poema, tudo acabou de uma forma abrupta e eu fiquei sem entender nada. Eu queria lhe contar sobre os meus progressos no futebol e sobre

um brinquedo novo. Chegou o domingo, ele não veio para o churrasco e "a água do chimarrão esfriou". Quando me estabilizei novamente, comecei a refletir sobre as minhas relações pessoais. Valeu, Mauro!

Causando ressonância semelhante, outro integrante retoma a temática do poema e relembra também a saudade da avó e a lembrança da casa:

O poema sobre a relação do autor com seu avô (poema do Mauro) foi o que mais me tocou. Não pela relação emocional dos versos em si, mas pela lembrança de minha avó, que sempre tive uma ligação muito grande. A ausência dela foi mais sentida (com relação a outros membros da família) porque projetei meus sentimentos a partir dos aromas mostrados na oficina: lembrei das manhãs ordenhando as vacas, o café passado na cozinha de chão batido (terra), o bolo saindo do forno à lenha, os ingredientes do almoço e os temperos da horta nos fundos da casa. São lembranças que me trazem conforto até hoje.

É possível perceber nessas palavras o quanto elementos como o café, a terra, o bolo, os temperos e outros ingredientes são lembranças que trazem conforto ao espírito. A recordação da casa também é evocada e, como cita Bachelard, "a casa abriga o devaneio, a casa protege o sonhador, a casa permite sonhar em paz" (1989, p. 26). A casa, quando lembrada nos relatos, aparece como um lugar de segurança, morada de boas recordações com pessoas especiais. Damos ênfase, também, à lembrança da figura feminina, a avó, provando que a imagem poética é um valor, já que no poema há uma referência ao avô e, mesmo assim, o participante não vinculou sua memória a ele.

Fazendo uma análise geral dos depoimentos, notamos que o poético ultrapassou os limites da própria poesia escutada para tornar-se instante de vida. Apesar de intercalarmos vários sentidos à dinâmica, a prevalência da voz poética foi essencial para que tivéssemos como resultado as ressonâncias comentadas. Essa voz ecoou dentro de nós e permitiu uma aproximação do ser que somos com o ser que éramos. Dizemos nós, pois incluímo-nos nessa experiência, percebendo todos os acontecimentos e intervindo com os materiais.

Lágrimas, risos, sentimentos que fazem parte da condição humana, ressoaram no lugar que

escolhemos para a atividade, espaço onde compartilhamos momentos de tristeza e de felicidade. Essa possibilidade de encontro confirmou que o poético pode estar presente em diferentes contextos, provando a existência de um valor educativo, e a palavra é essencial para que a voz poética se torne ainda mais viva dentro de nós.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando desenvolvemos a proposta descrita, procuramos salientar a relevância do poético quando estamos em contato com poemas e somos ligeiramente influenciados pelo vigor de suas palavras. O que não imaginávamos era que perceberíamos o quanto nosso corpo está conectado à presença do outro e a maneira como se manifestam as relações de empatia. A voz, como vimos, é elemento essencial desse corpo, permitindo a sua movência, a instabilidade que resulta da condição de ouvir o que o outro tem a nos dizer. Essa escuta, proporcionada pela audição de poemas, sensibilizou os participantes e, depois que se deu a repercussão, muitos deles demonstraram as ressonâncias que a voz do poeta fez emergir.

Pequenos detalhes como um cheiro, um gosto, um toque, podem recuperar em um ser algo que estava profundamente escondido ou mesmo esquecido pela ação do tempo. A retomada de instantes passados pode ser proporcionada pela palavra poética, porque ela é criadora e está intimamente ligada à imaginação.

A escuta dos poemas, portanto, foi mediada pela nossa voz, que continha entonações, ritmos variados e pausas combinadas. A leitura, nesse caso, também é vista como criadora, já que leitor e poeta se confundem no instante de encontro. Também buscamos resgatar um valor de escuta, que foge da habitual apreciação pela visão, que não deixa de ser importante. A experiência multissensorial proporcionou aos colegas o contato com os sentidos que havíamos preparado para o momento, revelando-se em um gesto de compartilhamento. A emoção da

poesia permite viver a intensidade do momento de estar começando uma experiência nova, algo do qual nunca tínhamos participado como agentes do inesperado, sem sabermos o que ou de que forma poderia acontecer. Tal sentimento só colabora com o sentido de poético que atribuímos aos acontecimentos que escolhemos registrar nesse texto.

REFERÊNCIAS

- BACHELARD, Gaston. *A poética do devaneio*. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- BACHELARD, Gaston. *A terra e os devaneios da vontade: ensaio sobre a imaginação das forças*. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- BACHELARD, Gaston. *A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria*. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BACHELARD, Gaston. *A intuição do instante*. Tradução de Antonio de Padua Danesi. Campinas: Verus, 2007.
- BARBOSA, Elyana. *Gaston Bachelard: o arauto da pós-modernidade*. 2. ed. Salvador: EDUFBA, 1996.
- PAZ, Octavio. *O arco e a lira*. Tradução de Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- ULRICH, Mauro. *Cellophane flowers: poemas*. 1. ed. Santa Cruz do Sul: Gazeta, 2011.
- VALÉRY, Paul. Primeira aula do curso de poética. In: _____. *Variedades*. Tradução de Maiza Martins de Siqueira. São Paulo: Iluminuras, 2011.
- ZUMTHOR, P. *Performance, recepção, leitura* [1990]. Tradução de Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

COMO CITAR ESSE ARTIGO

KOTTWITZ, Jéssica Taiara; KIST, Rosiana. SONS, AROMAS E LEMBRANÇAS: POESIAS EM UMA EXPERIÊNCIA MULTISSENSORIAL. Signo, Santa Cruz do Sul, v. 45, n. 83, set. 2020. ISSN 1982-2014. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/14860>>. Acesso em: doi:<https://doi.org/10.17058/signo.v45i83.14860>.